



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

Karoline Lucena Feitosa

USO DE TELAS NA INFÂNCIA: UM LEVANTAMENTO DA
CIDADE DE JOÃO PESSOA/PB

Orientador(a): Prof. Dr^a. Thereza Sophia Jácome Pires

JOÃO PESSOA
2024

KAROLINE LUCENA FEITOSA

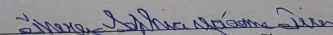
USO DE TELAS NA INFÂNCIA: UM LEVANTAMENTO DA CIDADE
DE JOÃO PESSOA/PB

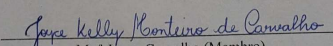
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de
Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Thereza Sophia Jácome Pires

Aprovado em: 23 / 10 / 2024 .

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Thereza Sophia Jácome Pires
Orientadora


Ms.^a Joyce Carvalho (Membro)
Membro externo

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F311u Feitosa, Karoline Lucena.
Uso de telas na infância: um levantamento da cidade
de João Pessoa/PB / Karoline Lucena Feitosa. - João
Pessoa, 2024.
32 f.

Orientação: Thereza Sophia Jácome Pires.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicopedagogia) - UFPB/CE.

1. Tempo de tela. 2. Infância. 3. Tecnologia. 4.
Supervisão parental. I. Pires, Thereza Sophia Jácome.
II. Título.

UFPB/CE

CDU 37.015.3:004(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

RESUMO

A infância é a fase de maior contribuição para o desenvolvimento da cognição, linguagem e habilidades sensoriais, relacionando-se diretamente na qualidade das demais fases da vida. Atualmente, o uso de telas é uma das grandes preocupações quanto à saúde destes indivíduos, considerando os riscos empregados à exposição inadequada a dispositivos eletrônicos. Núcleos de saúde buscam estratégias para conter estes malefícios e recomendam que esta prática seja controlada e supervisionada, defendendo a importância de se conhecer os perfis de uso feito por estas crianças, bem como os níveis de vigilância parental. Trata-se de uma pesquisa descritiva e transversal, com o objetivo geral de traçar o perfil do uso de telas por crianças em João Pessoa. Especificamente objetiva-se: (1) Identificar o tempo médio diário que as crianças passam utilizando telas; (2) Detectar quais os dispositivos com telas eletrônicas mais utilizados pela amostra; (3) Identificar os principais contextos em que as crianças utilizam telas; (4) Analisar a frequência de supervisão parental no uso de telas por crianças. A amostra do estudo foi composta por 205 participantes, sendo eles mães ou pais de crianças de ambos os sexos, com idade entre 0 e 12 anos de idade. Foram utilizados um questionário sociodemográfico e um questionário de "Uso de Telas". A análise dos dados indicou que as crianças consomem aparelhos com telas por períodos maiores do que as recomendações sugerem, com a televisão e o smartphone com a maioria das interações, demonstrando a importância de compreender mais sobre os cenários de consumo destes eletrônicos.

Palavras-chave: Tempo de tela; Infância; Tecnologia; Supervisão parental.

ABSTRACT

Childhood is the phase that contributes most to the development of cognition, language and sensory skills, and is directly related to the quality of the other phases of life. Currently, the use of screens is one of the major health concerns of these individuals, considering the risks associated with inadequate exposure to electronic devices. Health centers seek strategies to contain these harmful effects and recommend that this practice be controlled and supervised, defending the importance of knowing the profiles of use made by these children, as well as the levels of parental supervision. This is a descriptive and cross-sectional study, with the general objective of outlining the profile of screen use by children in João Pessoa. Specifically, the objectives are: (1) To identify the average daily time that children spend using screens; (2) To detect which devices with electronic screens are most used by the sample; (3) To identify the main contexts in which children use screens; (4) To analyze the frequency of parental supervision in the use of screens by children. The study sample consisted of 205 participants, who were mothers or fathers of children of both sexes, aged between 0 and 12 years old. A sociodemographic questionnaire and a "Uso de telas" questionnaire were used. Data analysis indicated that children consume devices with screens for longer periods than the recommendations suggest, with television and smartphones accounting for the majority of interactions, demonstrating the importance of understanding more about the consumption scenarios of these electronic devices.

Key-words: Screen time; Childhood; Technology; Parental supervision.

1 INTRODUÇÃO

A infância é a fase da vida de maior contribuição para o desenvolvimento humano, onde habilidades cognitivas, sensoriais e linguísticas têm aquisição e crescimento exponencial (Nobre *et al.* 2021). O desenvolvimento vivenciado na infância está intrinsecamente relacionado com as experiências vivenciadas, implicando no crescimento saudável (Lake e Chan, 2015).

A presença de telas nos lares brasileiros pode ser notada desde a década de 1950, devido a popularização de televisores (TVs) no país (IBGE, 2022). Atualmente, a presença das telas foi expandida para diversos eletrônicos como notebooks, smartphones, tablets e relógios inteligentes, dispositivos estes que estão ativos 24 horas e estão passíveis ao transporte para qualquer ambiente, aumentando o consumo de telas na população (Farias, 2018).

Dados apontam que no ano de 2022 a quantidade de smartphones ativos no Brasil ultrapassou o número de habitantes, totalizando cerca de 249 milhões de aparelhos, ou seja, 1,2 aparelhos por habitante, incluindo crianças (FGV-Cia, 2023). Na infância, o uso de tecnologias digitais se intensificou nos últimos anos, atingindo no ano de 2023 a marca de 95% das crianças brasileiras com acesso diário à internet. Além disso, cerca de 20% das crianças alegaram fazer o uso combinado de dispositivos com telas (ex: smartphone e televisão) frequentemente (Cetic.br, 2023).

O crescimento do uso destes recursos trouxe consigo novas patologias reconhecidas por grandes órgãos de saúde no mundo, a exemplo do "Transtorno do Jogo pela Internet", descrito pela primeira vez no DSM-5-TR no ano de 2022.

O transtorno é descrito pelo consumo abusivo de jogos na Internet, vinculado à incapacidade de impor e seguir regras de consumo, como horário de uso, quantidade de horas e variação de conteúdos acessados (American Psychiatric Association, 2022). Ademais, estudos recentes demonstram que a exposição precoce e excessiva às telas afeta de forma negativa o desenvolvimento neural das crianças, liberando altas doses de neurotransmissores que aumentam o potencial de viciar o cérebro nas nuances presentes nos monitores (Eisenstein, 2023).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) afirma que uma das estratégias de maior eficiência para prevenção de riscos associados ao uso de telas é a supervisão parental. Limitar o tempo de tela e controlar o conteúdo consumido estão associados ao menor risco de atrasos no desenvolvimento infantil, além de prevenir a exposição precoce a tópicos impróprios para a idade (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019). Desse modo, o presente trabalho será realizado para tentar responder qual a frequência do uso de telas por crianças paraibanas com idades entre 0 e 12 anos?

A preocupação com o uso exacerbado de telas na infância tem resultado em amplas pesquisas nas áreas de saúde e educação. O acesso precoce à telas tem sido amplamente relacionado com atrasos na linguagem, baixa socialização, déficits atencionais, distúrbios de sono, risco de obesidade e problemas comportamentais (Arruda *et al.*, 2024; Barreto *et al.*, 2023; Correia *et al.*, 2020; Nobre *et al.*, 2021).

Logo, o estudo contribuirá para o corpo de conhecimento existente, oferecendo informações valiosas e dados empíricos sobre o uso de telas por crianças paraibanas e a supervisão parental. Os resultados podem ser publicados em periódicos científicos, compartilhando conhecimentos com a comunidade acadêmica e disseminando o entendimento sobre uma temática atual.

A pesquisa proporcionará à sociedade a disseminação de informações baseada em evidências, oferecendo parâmetros para pais e responsáveis visando a prevenção de consequências adversas do uso desses dispositivos em suas crianças.

Por fim, o objetivo geral do estudo é traçar o perfil do uso de telas por crianças em João Pessoa - PB. Em específico, objetiva-se: (1) identificar o tempo médio diário que as crianças passam utilizando telas; (2) detectar quais os dispositivos com telas eletrônicas mais utilizados pela amostra; (3) identificar os principais contextos em que as crianças utilizam telas; (4) analisar a frequência de supervisão parental no uso de telas por crianças.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITO DE INFÂNCIA

A infância é marcada por processos de maturação e integração que culminam na aquisição de habilidades cognitivas, comportamentais, motoras, linguísticas e outras. Durante essa etapa, o cérebro passa por fenômenos como mielinização, plasticidade neural e eliminação de neurônios subutilizados, otimizando a capacidade de aprendizado (Nobre *et al.*, 2021).

Na primeira infância, período compreendido entre os 0 e 6 anos de idade, as crianças aprendem predominantemente de maneira interativa, utilizando canais sensoriais (Nobre *et al.*, 2021), sendo também primordial o acesso à afetividade, liberdade para brincar, se expressar, conhecer e explorar o mundo (Brasil, 2018). Essas experiências positivas estão diretamente envolvidas ao desenvolvimento do cérebro na infância, já a ausência desses estímulos pode impactar negativamente as capacidades de aprendizado e a formação de vínculos socioemocionais (Lake e Chan, 2015).

Na segunda infância, a aquisição de conhecimento fundamenta-se nas habilidades estabelecidas durante a primeira infância. Este período é caracterizado por mudanças substanciais nas relações sociais e interativas, acompanhadas da expansão da expressão oral, percepção, compreensão e representação (Brasil, 2018; Black *et al.*, 2016).

Ainda nesse período, próximo à adolescência, ocorre uma expansão no córtex cerebral, com destaque para o crescimento e maturação inicial do córtex pré-frontal. Essa evolução implica no aumento da capacidade de pensamento abstrato, controle inibitório, atenção seletiva, memória operacional e outras habilidades cognitivas determinantes para o desenvolvimento e a aprendizagem (Cosenza e Guerra, 2011).

Atrasos no desenvolvimento cognitivo na infância podem ser determinantes negativos na aquisição de habilidades superiores, predominantemente adquiridas na adolescência, podendo gerar inúmeros prejuízos em todas as demais fases da vida (Black *et al.*, 2016).

2.2 EVOLUÇÃO DAS TELAS

A tecnologia digital permite a conversão de qualquer linguagem ou dado em números, tornando-os posteriormente em imagens, sons ou textos em dispositivos eletrônicos. A evolução dessa tecnologia resultou, dentre outros mecanismos, na produção das telas eletrônicas (Lévy, 2004). As telas digitais, presentes em televisores, notebooks, smartphones, tablets e outros, desempenham abundante usabilidade na sociedade contemporânea, estando presente nos mais diversos ambientes, desde os lares e empresas até as ruas, com o uso de outdoors e vitrines (Farias, 2018).

As TVs chegaram ao Brasil na década de 1950, com tecnologia revolucionária para o acesso a notícias, esportes e artes em formato audiovisual. Cerca de 94,9% dos lares brasileiros possuem ao menos uma televisão, cujo uso é feito de forma regular para acessar conteúdos abertos ou por assinatura, streamings e até mesmo a Internet (IBGE, 2022). Por volta dos anos 1990, com a popularização da Internet e dos computadores, um novo padrão de uso dos equipamentos com telas pôde ser percebido. Gradualmente, os computadores, notebooks e laptops tornaram-se mecanismos de amplo uso para trabalho e lazer (Abreu *et al.*, 2008), somando 222 milhões de exemplares em uso no ano de 2024 (FGV-Cia, 2024).

Os smartphones são responsáveis pelos maiores índices de exposição a telas digitais entre crianças e adolescentes no Brasil. (Cetic.br, 2023; Gomes, Lousada e Figueiredo, 2023). Estes dispositivos móveis propiciam aos usuários uma extensão de possibilidades, englobando atribuições anteriormente sanadas por notebooks e televisores. No ano de 2024, o número de smartphones no Brasil já é maior que o número total de habitantes, atingindo a somatória de 258 milhões de dispositivos no ano de 2023, equivalente a 1,2 dispositivo por habitante (FGV-Cia, 2024).

Esses eletrônicos já estão presentes no cotidiano de 91,5% da população com idades entre 9 e 12 anos. Seja para fins acadêmicos (trabalhos escolares, aulas online...) ou recreativos (programas televisivos, jogos digitais, redes sociais...), a frequência de consumo e a visualização

simultânea de dois ou mais dispositivos tem se tomado cada vez mais comum (Cetic.br, 2023).

2.3 DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA

A dependência tecnológica é caracterizada pela incapacidade do indivíduo de controlar o uso de tecnologia, tendo como agravante a existência de impactos negativos nos estudos, saúde física e mental, socialização e etc. Essa condição afeta cerca de 6% da população mundial e pode ser subdividida em três grupos de maior frequência, sendo eles: dependência por jogos eletrônicos, dependência de redes sociais e dependência de smartphones (Spritz *et al.*, 2016).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) insere na literatura o “Transtorno do Jogo pela Internet”, cuja principal característica é a participação desmedida em jogos na Internet com incapacidade de regulação do uso. O diagnóstico é realizado com base em 9 critérios, cuja afirmativa em 5 ou mais sinaliza a presença do transtorno. (American Psychiatric Association, 2022).

Apesar de não existirem critérios para o diagnóstico da dependência em redes sociais e smartphones, ambas já são documentadas em relatos clínicos e apresentam características semelhantes a dependências comportamentais e químicas. Sintomas ansiosos, raiva e tristeza podem ser observados em indivíduos após um período impossibilitados de acessar redes sociais, trocar mensagens de texto, consumir vídeos ou jogos (Spritz *et al.* 2016).

Evidências sugerem que crianças expostas de forma precoce, excessiva e/ou prolongada a dispositivos com tela sofrem alterações no desenvolvimento neural em detrimento das luzes, cores e movimentos acelerados, liberando quantidades excessivas de dopamina, agente determinante no vício em telas. Essa produção exacerbada pode alterar fatores como sono, alimentação, saúde física e mental (Eisenstein, 2023).

Alguns mecanismos comumente implementados em redes sociais para aumentar o tempo de uso de suas plataformas podem promover a dependência em telas, são elas: a) Deslumbramento e curiosidade: uso de

luzes, cores, sons e conteúdos variados para gerar atração; b) Pertencimento e socialização: criação de um senso de comunidade e aceitação por meio de interações on-line; c) Persuasão: uso de gratificação instantânea e feeds “infinitos” para manter o usuário engajado; d) Mecanismos de recompensa: oferecem retornos positivos imediato, para gerar prazer e reconhecimento (Abreu, Góes e Lemos, 2020).

2.4 ORIENTAÇÕES PARA O USO DE TELAS

O período de exposição às telas, definido como a soma total do tempo diante de qualquer tipo de dispositivo eletrônico com telas, tem apresentado um aumento significativo entre as crianças. O número de crianças conectadas à Internet no Brasil antes dos 6 anos de idade mais que dobrou nos últimos anos, saindo de 11% em 2015 para 24% no ano de 2023 (Cetic.br, 2023).

Em virtude do aumento do tempo de tela na infância, entidades nacionais e internacionais têm empreendido esforços no delineamento de diretrizes voltadas para a promoção do emprego consciente e responsável do uso dessas tecnologias. As recomendações são delineadas por faixa etária e concomitantes às etapas do desenvolvimento cognitivo e social das crianças (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), contribui que para crianças com idade inferior aos 2 anos, faz-se necessária a nula exposição às telas, salvo a videochamadas. Entre 2 e 5 anos de idade, esse uso não deve ultrapassar uma hora diária na somatória total, onde todo conteúdo acessado deve ser monitorado pelos responsáveis. Crianças de 6 a 10 anos recomenda-se a permanência entre 1 e 2 horas em frente às telas, após essa faixa etária o período de exposição orientado está entre 2 e 3 horas diárias (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

Nesse cenário, o monitoramento parental é indispensável. Práticas como a co-visualização, moderação de tempo e restrição de conteúdo demonstram eficácia para a implementação de uso saudável das telas (John *et al.*, 2021). O monitoramento deve ser realizado diariamente, com aplicativos de

proteção a conteúdos e sites inapropriados e de diálogo familiar acerca das mídias digitais (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

A American Academy of Pediatrics (AAP) enfatiza que o uso de telas não deve prejudicar as atividades diárias e de promoção da saúde. Recomenda-se que a exposição a telas seja interrompida durante as refeições e pelo menos 2 horas antes do sono, além de ser equilibrado com pelo menos 1 hora diária de atividades físicas (American Academy of Pediatrics, 2016).

2.5 ESTUDOS SOBRE O USO DE TELAS

O uso de telas na infância é uma preocupação crescente na sociedade atual, uma vez que crianças estão tendo acesso cada vez mais cedo ao “mundo digital”. Quando utilizado de forma equilibrada e com regulação, esta prática pode oferecer benefícios, em contraponto, o uso excessivo e em desacordo com as recomendações pode acarretar em prejuízos permanentes na saúde e bem-estar de jovens usuários (Barreto *et al.*, 2023).

Evidências apontam que o uso excessivo de telas na primeira infância pode desencadear prejuízos no desenvolvimento cognitivo, comportamental e físico (Arruda *et al.*, 2024). Atrasos na linguagem, baixa interação social, aumento do risco de obesidade, distúrbios de sono e problemas comportamentais são as condições encontradas de maneira recorrente entre os consumidores (Correia *et al.*, 2020; Nobre *et al.*, 2021). Além disso, essa crescente é responsável pela diminuição de estímulos sensoriais indispensáveis às crianças (Tana e Amâncio, 2023).

Nesse sentido, a televisão é o dispositivo mais citado como prejudicial ao desenvolvimento de competências da criança, onde sua passividade de consumo é frequentemente relacionada a atrasos de desenvolvimento, além de oferecer uma gama de conteúdos de livre acesso que estão em desacordo com o consumo infantil (Chaves *et al.*, 2024). Contribuindo com o aparecimento de sintomas depressivos, ansiosos e do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (Eirich *et al.*, 2022).

Crianças com tempo de tela superior a 1 hora diária estão mais vulneráveis a atrasos no desenvolvimento integral se comparadas a crianças

com período inferior de exposição. Com probabilidade de 81% de vulnerabilidade em relação ao seu desenvolvimento linguístico e cognitivo, 60% de atraso de competências sociais e comunicativas, 41% de danos na saúde física e bem-estar, 29% de vulnerabilidade na baixa da maturação emocional (Rocha *et al.*, 2021).

A variação no tempo de telas está relacionada com a frequência de uso dos pais e ao controle midiático realizado no ambiente familiar, onde ocorre o maior índice de consumo, sobretudo em crianças pequenas (Becker e Donelli, 2024). Desta forma, a conscientização parental acerca das recomendações de uso e dos impactos decorrentes dessa prática são estratégias eficazes para a diminuição do tempo impróprio de dispositivos com displays (Carson e Janssen, 2012).

Em contrapartida, estudos apontam que a visualização de conteúdos educativos que incentivam a nomeação de objetos e indagam respostas verbais está associada ao aumento de habilidades linguísticas. A co-visualização também foi associada de forma positiva a linguagem das crianças, onde pode-se realizar momentos de interação linguística riquíssimos e essenciais (Madigan, 2020).

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descritiva, do tipo transversal, obtendo os dados de uma única vez, em relação aos padrões de uso de telas por crianças da cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba.

O presente estudo analisou o tempo de tela das crianças, os dispositivos com telas mais utilizados e a supervisão realizada pelos responsáveis que responderam a pesquisa, permitindo uma visão sistemática acerca do uso de telas na infância, abordando elementos essenciais para a compreensão dessa crescente entre o público infantil.

A análise estatística foi realizada com o uso do pacote Statistical Package for the Social Sciences – SPSS (versão 27 para Windows). Assim, as

análises realizadas incluíram análises descritivas, sendo elas: frequência absoluta, porcentagem, média e desvio padrão.

3.2 PARTICIPANTES

A amostra do estudo foi composta por 205 participantes, sendo esses mães e pais de crianças com idades entre zero e 12 anos, de ambos os gêneros e residentes da cidade de João Pessoa/PB.

Os critérios de inclusão no estudo foram: (1) ter parentesco de mãe ou pai; (2) ser maior de 18 anos; (3) residir na cidade de João Pessoa/PB.

Quanto aos critérios de exclusão, foram delimitados: (1) ser responsável por adolescentes (indivíduo com idade superior a 12 anos); (2) ter idade inferior a 18 anos; (3) ter grau de parentesco secundário (avós, tios, irmãos...); (4) serem cuidadores contratados pela família. Totalizando assim, 78 questionários inaptos à pesquisa (tabela 1).

Tabela 1
Participantes com questionários invalidados para a pesquisa

Motivo da exclusão	Número de participantes excluídos
Questionários incompletos	71
Responsável de adolescentes	2
Grau de parentesco secundário	3
Cuidador contratado	2

Os participantes elegíveis foram 87,3% (n= 179) do gênero feminino e 12,7% (n= 26) do gênero masculino, sendo estes com idades entre 21 e 65 anos, com média de idade de 34,3 anos (DP= 7,5).

Quanto as crianças, cujos dados obtidos referenciam, 56,1% (n= 115) do sexo feminino e 43,9% (n= 90) do sexo masculino, com idades entre 0 e 12

anos, e média de 6,4 anos (DP= 2,7). A descrição dos participantes está descrita na tabela 2.

Tabela 2
Descrição dos participantes

Características	n	%
Responsáveis		
Gênero		
Feminino	179	87,3
Masculino	26	12,7
Estado civil		
Casado	132	64,4
Divorciado	17	8,3
Solteiro	56	27,3
Escolaridade		
Não escolarizado	1	0,5
Ensino fundamental	38	18,6
Ensino médio	75	36,6
Ensino superior	47	22,9
Pós-graduação	44	21,4
Núcleo familiar		
2 a 3 residentes	89	43,4
4 a 5 residentes	104	50,7
> 5 residentes	12	5,9
Renda familiar		
< 1 salário mínimo	77	37,5
1 a 2 salários mínimos	47	22,9
3 a 5 salários mínimos	48	23,4
> 5 salários mínimos	33	16,1

Tabela 2 (continuação)

Crianças		
Gênero		
Feminino	115	56,1
Masculino	90	43,9
Escolaridade		
Não matriculado	10	4,9
Educação Infantil	50	24,4
Ensino fundamental I	127	62
Ensino fundamental II	18	8,8
Tipo de escola		
Ensino domiciliar	2	1
Particular	88	42,9
Pública	107	52,2
Não matriculado e sem ensino domiciliar	8	3,9

3.3 INSTRUMENTOS

Inicialmente, para caracterizar os participantes, foi utilizado um questionário sociodemográfico com 15 (quinze) perguntas, incluindo: sexo, idade, nível de escolaridade, renda e núcleo familiar. As questões foram compostas por perguntas objetivas de múltipla escolha e resposta aberta, de rápido e fácil manejo.

Foi aplicada uma adaptação do instrumento “Questionário sobre Tempo de Tela e Variáveis Associadas” (Bispo, Alpes e Mandrá, 2020). Após a adaptação, o questionário contou com 15 questões, sendo: oito com respostas de múltipla escolha e sete questões com respostas do tipo Likert, dispostas da seguinte maneira: muito frequente; frequentemente; ocasionalmente; raramente; nunca. As respostas foram obtidas de acordo com a percepção dos pais e não foram pontuadas. O questionário obteve boa aceitação e eficácia na proposta estabelecida (APÊNDICE A).

3.4 PROCEDIMENTOS

3.4.1 Éticos

Os procedimentos éticos da pesquisa tiveram como base as diretrizes das resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde/MS, bem como na Carta Circular nº1/2021 - CONEP/SECNS/MS, que assegura a ética em pesquisas virtuais.

Essas etapas foram essenciais para assegurar os direitos e deveres dos envolvidos na pesquisa, sejam pesquisadores ou participantes. Além disso, os participantes demonstraram seu consentimento aos procedimentos por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.4.2 De Coleta

Os instrumentos foram aplicados em formato online e presencial.

O formulário online foi divulgado através das redes sociais dos pesquisadores e do núcleo de pesquisa durante os meses de março e julho de 2024. A aplicação presencial ocorreu com o uso de questionários impressos, distribuídos para pais de crianças em escolas públicas e privadas, durante os meses de março e julho de 2024.

Em ambas as formas de aplicação, os participantes apenas obtiveram acesso às perguntas após concordarem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os questionários foram aplicados em uma única etapa, com estimativa de 10 minutos para o preenchimento total.

3.4.3 Análise de Dados

As análises foram realizadas com o auxílio do pacote estatístico Statistical Package for the Social Sciences – SPSS (versão 21 para Windows). Para atender aos objetivos foram efetuadas análises estatísticas

descritivas: aferição de frequência absoluta, porcentagens, médias e desvios padrão.

A fim de delinear padrões detalhados, as análises foram realizadas por grupos etários, sendo eles: Primeira Infância (PI): crianças de 0 a 6 anos (n= 98); e Segunda Infância (SI): crianças de 7 a 12 anos (n= 107). A divisão dos grupos fundamentou-se nas fases do desenvolvimento infantil, presentes em documentos brasileiros (Brasil, 2010, 2016) e na literatura científica (Moreira, 2011), onde as idades são conjuntas em grupos semelhantes aos abordados na pesquisa.

4 RESULTADOS

A análise do instrumento referente ao consumo de telas, adaptação do Questionário sobre Tempo de Tela e Variáveis Associadas (Bispo, Alpes e Mandrá, 2020), resultou na obtenção do padrão de uso de telas de dois grupos, sendo eles: Primeira infância (n= 98) com crianças com idades entre 0 e 6 anos; e, Segunda Infância (n= 107) com crianças de 7 a 12 anos de idade.

4.1 PRIMEIRA INFÂNCIA

No grupo Primeira Infância (PI), 46,9% dos pais declararam que seus filhos (as) iniciaram o uso de telas antes mesmo do primeiro ano de vida, enquanto 12,2% declaram o uso após os 3 anos de idade.

O uso diário de telas das crianças do grupo PI variou entre menos de 1 hora e mais de 4 horas, predominando a média de 1 a 2 horas de consumo, com 35,7% das respostas, enquanto a média de 4 horas ou mais foi o menos mencionado, com 13,3% dos casos.

25% do grupo Primeira Infância não possui nenhum dispositivo com tela de uso pessoal, enquanto os demais têm 1 ou mais dispositivos. O dispositivo de maior aparição foi a televisão, presente nos artefatos pessoais de 55,2% das crianças, enquanto o videogame e a categoria “Outros” mostraram ser os menos comuns, com 1% cada.

A televisão foi apontada como o dispositivo mais utilizado por parte majoritária do grupo PI, sendo 59,2% dos casos. Os dispositivos menos acessados pelo grupo foram o videogame e a categoria “Outros”, com 1% de alegação cada.

Os desenhos infantis foram listados como o conteúdo mais consumido por parte do grupo PI, sendo visualizados por 92,2% das crianças. Dentro dos conteúdos listados, os livros foram os que apresentaram a menor porcentagem, com consumo de 3,1% da amostra.

42,9% dos pais relataram participar de maneira muito frequente das atividades realizadas por seus filhos (as) nestes dispositivos, ao passo que 4,1% relataram uma rara participação nesses momentos.

O monitoramento de tempo de tela, conteúdos consumidos e dispositivos acessados foi descrito por 73,5% dos pais como uma prática muito frequente, enquanto 1% declararam nunca realizar monitoramento.

A tabela 3 apresenta a descrição dos resultados obtidos com a análise das respostas do grupo Primeira Infância.

Tabela 3

Descrição dos resultados do grupo Primeira Infância (PI)

Variável	n	%
Tempo médio diário de uso de telas		
Menos de 1 hora	28	28,6
Entre 1 e 2 horas	35	35,7
Entre 2 e 4 horas	22	22,4
4 horas ou mais	13	13,3
Dispositivo mais utilizado		
Celular/Smartphone	32	32,7
Computador	2	2
Tablet/Ipad	4	4,1
Televisão	58	59,2
Videogame	1	1
Outros	1	1

Tabela 3 (continuação)

Contextos de uso *

Em casa	95	96,9
Casa de familiares	34	34,7
Casa do cuidador	4	4,1
Escola ou creche	2	2
Ambientes de lazer (praça, praia...)	11	11,2

Participação parental

Muito frequentemente	42	42,9
Frequentemente	33	33,7
Ocasionalmente	19	19,4
Raramente	4	4,1

Monitoramento parental

Muito frequentemente	72	73,5
Frequentemente	17	17,3
Ocasionalmente	7	7,1
Raramente	1	1
Nunca	1	1

Legenda: *n e % quantidade de crianças que fazem uso no referido ambiente.

4.2 SEGUNDA INFÂNCIA

No grupo Segunda Infância (SI) 5,6% das crianças realizaram o primeiro uso de telas com menos de 1 ano de idade. Já 47,7% acessaram a primeira vez com 3 anos ou mais, sendo a média de idade mais apontada pelo grupo.

O uso diário de telas por parte do grupo SI foi compreendido como 15,9% com uso inferior a 1 hora, sendo o período menos citado, 41,1% com uso entre 1 e 2 horas diárias.

Apenas 10,3% das crianças do grupo SI não possuem dispositivos pessoais, enquanto os demais possuem no mínimo 1 destes artefatos, onde 61,7% são proprietários de smartphones e 0,9% sinalizaram a categoria “Outros”, sendo a menos citada no item.

Seguindo a tendência dos dispositivos pessoais, o smartphone conta com a maior porcentagem de uso, com 45,8%. O videogame foi o dispositivo menos citado no grupo, com apenas 0,9% de predomínio.

O conteúdo mais consumido por parte do grupo SI foram os desenhos infantis, com uma porcentagem de 72,9% de visualização. Dentro dos conteúdos listados, os livros e a categoria “Outros” apresentaram as menores porcentagens, ambos com 3,7% das afirmativas.

25,2% dos pais afirmaram participar de forma muito frequente dos momentos de consumo de telas de seus filhos (as), enquanto 1,9% declararam nunca participar.

O monitoramento de tempo de tela, conteúdos consumidos e dispositivos acessados foi descrito por 60,7% dos pais como uma prática muito frequente e 1,9% dos pais informaram não realizar. A tabela 4 apresenta a descrição dos resultados obtidos com a análise das respostas do grupo SI.

Tabela 4

Descrição dos resultados do grupo Segunda Infância (SI)

Variável	n	%
Tempo médio diário de uso de telas		
Menos de 1 hora	17	15,9
Entre 1 e 2 horas	44	41,1
Entre 2 e 4 horas	26	24,3
4 horas ou mais	20	18,7
Dispositivo mais utilizado		
Celular/Smartphone	49	45,8
Computador	5	4,7
Tablet/Ipad	8	7,5
Televisão	44	41,1
Videogame	1	0,9
Contexto de uso *		
Em casa	103	96,3
Casa de familiares	32	29,9

Tabela 4 (continuação)

Casa do cuidador	1	0,9
Escola / creche	1	0,9
Ambientes de lazer	3	2,8
Outros	2	1,9
Filmes/séries	19	17,8
Outro	4	3,7
Participação parental		
Muito frequentemente	27	25,2
Frequentemente	44	41,1
Ocasionalmente	26	24,3
Raramente	8	7,5
Nunca	2	1,9
Monitoramento parental		
Muito frequentemente	65	60,7
Frequentemente	33	30,8
Ocasionalmente	3	2,8
Raramente	4	3,7
Nunca	2	1,9

Legenda: *n e % quantidade de crianças que fazem uso no referido ambiente.

5 DISCUSSÃO

O presente estudo traçou um perfil de uso de telas por crianças de 0 a 12 anos, residentes da cidade de João Pessoa /PB, identificando o tempo médio diário de uso de telas, os dispositivos mais utilizados, os contextos de uso e a frequência de supervisão parental durante o consumo das crianças.

5.1 PRIMEIRA INFÂNCIA

Os dados indicam que mais de um terço (35,7%) do grupo PI, composto por crianças entre 0 e 6 anos, faz uso diário de telas entre 1 e 2 horas. Este achado encontra-se em divergência com as diretrizes para o uso saudável das telas descritas pela SBP, que defende que crianças com até 6 anos não devem fazer uso de telas por mais de 1 hora diária (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019). Evidências apontam que o uso excessivo destes dispositivos pode contribuir com o surgimento de prejuízos no desenvolvimento cognitivo e comportamental (Arruda *et al.*, 2024).

O uso de telas por 4 horas ou mais teve a menor prevalência dentre a amostra (13,3%), entretanto, sua aparição entre crianças na primeira infância levanta questionamentos quanto aos possíveis impactos no desenvolvimento infantil. A literatura indica que a exposição prolongada a telas na primeira infância pode estar associada de forma recorrente a problemas de sono e obesidade (Correia *et al.*, 2020). Além disso, o aumento quantidade de tempo imersos na tecnologia contribui para a diminuição das interações sensoriais e sociais, que são parte imprescindível do desenvolvimento nesta fase (Tana e Amâncio, 2023).

O dispositivo com telas mais utilizado pelas crianças é a televisão (59,2%), apontando um desvio com relação a evidências anteriores que apontam o smartphone como dispositivo mais usado por crianças brasileiras (Gomes, Lousada e Figueiredo, 2023). A televisão tem sido apontada como prejudicial ao desenvolvimento das competências infantis, principalmente por sua característica passiva e pela facilidade de acesso a conteúdos inapropriados, principalmente em televisores conectados à internet (Chaves *et al.*, 2024).

As telas são utilizadas em diversos contextos, partindo do uso em casa até o uso em ambientes de lazer e diversão. 96,9% da amostra utiliza as telas em seus lares, sendo o lugar mais citado, e apenas 2% utilizam dispositivos em ambientes educacionais (escolas ou creches). Essa tendência pode estar relacionada com o uso parental das telas como meio de entretenimento para seus filhos, sendo usadas como recurso para acalmar, entreter e distrair durante as horas ociosas (Becker e Donelli, 2024).

A supervisão parental foi medida com o auxílio de duas variáveis, sendo elas: 1) Participação parental; e 2) Monitoramento parental. 42,9% dos pais

relataram participar “muito frequentemente” do uso de telas dos filhos, o que apontou uma discrepância considerável quando comparada ao monitoramento, com resultado de 73,5% na mesma afirmativa. O papel desempenhado pelos pais diante da supervisão é fundamental para garantir que o consumo não acarrete problemas futuros, sendo essencial vincular as boas práticas com a participação e monitoramento efetivo (Carson e Janssen, 2012).

5.2 SEGUNDA INFÂNCIA

O estudo tem como resultado a quantia de 44,1% do grupo SI, crianças de 7 a 12 anos, fazendo uso diário de telas entre 1 e 2 horas. Ao considerar as orientações para uso de telas da AAP, o grupo encontra-se dentro dos parâmetros estabelecidos para garantir um uso seguro e com o mínimo de prejuízos associados (American Academy of Pediatrics, 2016). O uso moderado e estruturado permite que as telas contribuam positivamente com o desenvolvimento das crianças, contribuindo com o desenvolvimento de habilidades sociais e no aprendizado (Barreto *et al.*, 2023).

O consumo diário inferior a 1 hora foi o menos aludido (15,9%), indicando uma propensão das crianças na segunda infância a um maior tempo de tela. O tempo elevado de uso de telas na segunda infância apresenta impactos negativos em aspectos na saúde mental, como sintomas do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), além de sintomas depressivos e ansiosos (Eirich *et al.*, 2022).

O dispositivo mais mencionado no grupo SI foi o smartphone, com 45,8% de preferência das crianças. Isso sugere uma continuidade no comportamento de consumo tecnológico entre as crianças (Cetic.br, 2023; Gomes, Lousada e Figueiredo, 2023). Fatores como a acessibilidade e mobilidade do smartphone, que combina internet, jogos, redes sociais e plataformas de vídeos, pode explicar essa preferência (Chaves *et al.*, 2024).

Os lares mostraram-se como os ambientes mais propensos ao uso de telas, sendo o local indicado por 96,3% dos participantes como um dos ambientes de uso. Em contrapartida, a escola e a casa de cuidadores contratados foram os ambientes que menos pontuaram, com apenas 0,9% de

indicações cada. Isto pode ser explicado com base nos padrões de uso de telas dos pais em ambiente familiar, uma vez que os modelos de consumo das crianças são seus cuidadores diretos, neste caso, mães e pais (Carson e Janssen, 2012).

As variáveis de 1) Participação parental; e 2) Monitoramento parental indicaram uma baixa adesão na participação muito frequente do uso (25,2%), enquanto o monitoramento seguiu com um engajamento maior em relação a frequência de participação, com 60,7% na mesma declaração. Isto demonstra que as práticas de supervisão ainda são insuficientes quanto à participação efetiva de mães e pais. Apesar de compreenderem a importância desta prática, pais e responsáveis relatam enfrentar desafios para a realização, declarando o baixo conhecimento de tecnologias e tempo escasso para realizar co-visualização (Carvalho, 2024).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo identificou os padrões de uso de telas entre crianças pessoenses, discutindo sobre o tempo de tela, os dispositivos mais utilizados, contextos de uso e supervisão parental.

Os resultados obtidos apontam que 35,7% das crianças de 0 a 6 anos usam telas entre 1 e 2 horas por dia, tendo como dispositivo mais frequente a TV (59,2%) e com supervisão parental oscilando em um monitoramento favorável (73,5%) e uma baixa participação efetiva (42,9%). Nas crianças com idades entre 7 e 12 anos, o tempo de tela mais recorrente também está entre 1 e 2 horas (44,1%), com o smartphone sendo o dispositivo mais utilizado (45,8%) e com supervisão parental com baixa aparição do monitoramento assíduo (60,7%) e baixa adesão a participação efetiva (25,2%).

Os resultados ressaltaram achados contidos na literatura, contribuindo para a compreensão de como as crianças têm feito uso destes dispositivos e como os pais têm agido frente a isto. Embora a pesquisa apresente limitações, os achados têm implicações práticas que podem guiar pesquisadores e profissionais na busca pela compreensão das implicações causadas pelas práticas digitais.

As limitações do estudo estão associadas a dois fatores, sendo o primeiro o tamanho reduzido da amostra, comprometendo a generalização dos resultados para outras populações infantis. O segundo ponto está vinculado à obtenção dos dados, realizada por meio de autorrelato dos pais. Isto pode introduzir viés de resposta, uma vez que os participantes podem subestimar ou superestimar tanto a duração do uso de telas quanto a intensidade da supervisão.

Estudos futuros devem considerar o rastreamento dos conteúdos consumidos pelas crianças durante o uso de telas. A análise dos tipos de conteúdo, como desenhos, filmes, jogos e redes sociais, pode fornecer uma compreensão mais abrangente dos padrões de uso das crianças, permitindo que pesquisadores e profissionais avaliem melhor os efeitos potenciais do uso de telas digitais, auxiliando na formulação de diretrizes de uso mais informadas e estratégias de supervisão parental mais eficazes. Além disso, estudos que abordem a relação entre o uso de telas e o desempenho escolar podem ser elaborados, a fim de compreender a influência do consumo destes dispositivos em variáveis como a leitura e a escrita.

Em suma, os resultados reforçam que o tempo diário de uso de telas por crianças difere-se das diretrizes realizadas por órgãos de saúde infantil. Este descumprimento pode acarretar em prejuízos ao desenvolvimento integral desses indivíduos. A televisão e o smartphone foram os dispositivos mais relatados como dispositivos mais utilizados e os lares foram os ambientes de maior prevalência de uso. Dessa forma, torna-se essencial que os pais regulem o uso de dispositivos com telas, promovendo um ambiente de uso mais saudável e equilibrado.

REFERÊNCIAS

ABREU, C.N.; GÓES, D. S.; LEMOS, I. L. **Como lidar com a dependência tecnológica: guia prático para pacientes, familiares e educadores**. São Paulo: Hogrefe, 2020.

ABREU, C. N.; KARAM, R. G.; GÓES, D. S.; SPRITZER, D. T. **Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão**. São Paulo: Brazilian Journal of Psychiatry, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/T8y3pYpXy7wWj9v6DRdRxIR/#>. Acesso em: 11 mar. 2024.

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. **Media Use in School-Aged Children and Adolescents**. Council on Communications and Media, 2016. Disponível em: <https://publications.aap.org/pediatrics/article/138/5/e20162592/60321/Media-Use-in-School-Aged-Children-and-Adolescents?autologincheck=redirected>. Acesso em: 10 fev. 2024.

ARRUDA, N. F. S.; PAIVA, S. M. P.; ALMEIDA, M. E. L.; TORRES, K. R. B.; LAVOR, M. A. S.; DEININGER, L. D. S. C. **Os malefícios da utilização de telas eletrônicas na infância: uma revisão integrativa da literatura**. São Paulo: Revista JRG de Estudos Acadêmicos, 2024. Disponível em: <https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/705>. Acesso em: 11 mar. 2024.

BARRETO, M. D. J.; AZEVEDO, R. S.; ALENCAR, C.; ASSUNÇÃO, LIMA, A. A. C. **Os impactos do tempo de tela no desenvolvimento infantil**. Feira de Santana: Revista SaúdeUNIFAN, 2023. Disponível em: <https://saudeunifan.com.br/wp-content/uploads/2023/04/OS-IMPACTOS-D-O-TEMPO-DE-TELA-NO-DESENVOLVIMENTO-INFANTIL.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2024.

BECKER, D.; DONELLI, T. M. S. **“Nem sempre funciona, mas ajuda”: percepções parentais sobre a exposição do bebê às telas**. Maringá: Psicologia em estudo, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/zLHd6DKCYLQrNjbFK9FPGPv/#>. Acesso em: 8 jul. 2024.

BISPO, Leticia Rodrigues Alves; ALPES, Matheus Francoy; MANDRÁ, Patrícia Pupin. **Validação de conteúdo de instrumento para verificar o tempo de uso de tela na infância**. Research, Society and Development, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24357>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Brasília, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia brasileira e brasileiros saudáveis: primeiros passos para o desenvolvimento nacional**. Brasília: Internet, 2010.

BRASIL. **Marco Legal da Primeira Infância. Lei nº 13.257 de 08 de março de 2016**. Brasília, 2016.

CHAVES, B.S.; CASTRO, C. F. S.; AZEVEDO, I. F. S.; NEGREIROS, I. L. G.; REGO, M. G. C. **O tempo de tela na infância e suas implicações para a saúde física e mental: revisão integrativa**. São Paulo: Research, Society and Development, 2024. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/46333>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CARVALHO, C. R. **Crianças, tecnologias móveis e a mediação parental**. Natal: Revista Educação em Questão, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/34147>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CORREIA, B. C. S. T.; ALMEIDA, V. L.; GUIDA, T. V.; CUSTODIO, V. I. C.; CUSTODIO, R. J. **Relação entre tempo de tela, frequência de excesso de peso e hábitos de sono em crianças**. Ribeirão Preto: Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação, 2020. Disponível em: <https://periodicos.baraodemaua.br/index.php/cse/article/view/112>. Acesso em: 5 abr. 2024.

EISENSTEIN, E. **Crianças, adolescentes e a era digital: benefícios e riscos**. Rio Grande do Sul: Revista Acadêmica Licencia & acturas, 2023. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/283>. Acesso em: 5 abr. 2024.

EIRICH, R.; MCARTHUR, B. A.; ANHORN, C.; MCGUINNESS, C.; CHRISTAKIS D. A.; MADIGAN, S. **Association of screen time with internalizing and externalizing behavior problems in children 12 years or younger: a systematic review and meta-analysis**. JAMA psychiatry, 2022. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/article-abstract/2790338>. Acesso em: 11 mar. 2024.

FARIAS, M. N. **Vício pelas telas digitais: contribuições do pensamento de Christoph Türcke para a educação corporal**. João Pessoa: Problemata: Revista internacional de filosofia, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/38718>. Acesso em: 5 abr. 2024.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Pesquisa do Uso de TI, 34ª Edição**, 2023. Disponível em: <https://easp.fgv.br/producao-intelectual/pesquisa-anual-uso-ti>. Acesso em: 25 jan 2024.

GOMES, M. I. F.; LOUSADA, M. L.; FIGUEIREDO, D. M. P. **Utilização de dispositivos digitais, funcionamento familiar e desenvolvimento da linguagem em crianças de idade pré-escolar: um estudo transversal.** São Carlos: CoDAS - Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/WbhsZwmngGqQTtvtFCfPcx/#>. Acesso em: 28 mai. 2024.

JOHN, J. J.; JOSEPH, R.; DAVID, A.; BEJOY, A.; GEORGE, K. V.; GEORGE, L. **Association of screen time with parent-reported cognitive delay in preschool children of Kerala, India.** BMC pediatrics, 2021. Disponível em: <https://bmcpediatr.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12887-021-02545-y>. Acesso em: 11 mar. 2024.

LAKE, A.; CHAN, M. **Putting science into practice for early child development.** Londres: The Lancet, 2015. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(14\)61680-9/abstract](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(14)61680-9/abstract). Acesso em: 28 mai. 2024.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

MADIGAN, S.; MCARHTUR, B. A.; ANHORN, C.; EIRICH, R. CHRISTAKIS, D. A. **Associations between screen use and child language skills: a systematic review and meta-analysis.** JAMA Pediatrics, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32202633/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

MARK, A. E.; BOYCE, W. F.; JANSSEN, I. **Television viewing, computer use and total screen time in Canadian youth.** Paediatrics & child health, 2006. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2528654/>. Acesso em: 28 mai. 2024.

NOBRE, J. P.; SANTOS, J. N.; SANTOS, L. R.; GUEDES, S. C.; PEREIRA, L.; COSTA, J. M.; MORAIS, R. L. S. **Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância.** Rio de Janeiro: Ciência & Saúde coletiva, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GmStpKgyqGTtLwgCdQx8NMR/#>. Acesso em: 11 mar. 2024.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil.** São Paulo: 2023. Disponível em: <http://cetic.br/pt/arquivos/kidsonline/2023/criancas>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ROCHA, H. A. L.; CORREIA, L. L.; LEITE, A. J. M.; MACHADO, M. M. T.; LINDSAY, A. C.; ROCHA, S. G. M. O.; CAMPOS, J. S.; SILVA, A. C. E. S.; SUDFELD, C. R. **Screen time and early childhood development in Ceará, Brazil: a population-based study.** BMC Public Health, 2021.

Disponível em: <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-021-12136-2>. Acesso em: 28 mai. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação: #Menos telas #Mais Saúde.** Rio de Janeiro: Internet, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_Me nosTelas_MaisSaude.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação: Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital.** Rio de Janeiro: Internet, 2016. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas.** Brasil: Conselho científico, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-_UsoSaudavel_TelasTecnolMidias_na_SaudeEscolar.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

SPRITZE, D. T.; RESTANO, A.; BREDA, V.; PICON, F. **Dependência de tecnologia: avaliação e diagnóstico.** São Paulo: Debates em Psiquiatria, 2016. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/145>. Acesso em: 11 mar. 2024.

TANA, C. M.; AM NCIO, N. F. G. **Consequences of screen time in the lives of children and adolescents.** São Paulo: Research, Society and Development, 2023. Disponível em: Acesso em: 11 mar. 2024.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Qual o seu sexo (Responsável)?

☐ Feminino ☐ Masculino

Qual a sua idade (Responsável)? _____

Qual seu grau de parentesco com a criança?

☐ Mãe ☐ Pai
☐ Outros _____

Qual sua raça ou cor?

☐ Amarela ☐ Parda
☐ Branca ☐ Preta
☐ Indígena

Qual seu estado de residência? _____

Qual sua cidade de residência? _____

Qual seu estado civil?

☐ Casado (a) ☐ Solteiro (a)
☐ Divorciado (a) ☐ Viúvo (a)

Qual seu nível de escolaridade?

☐ Não escolarizado ☐ Ensino superior incompleto
☐ Ensino fundamental incompleto ☐ Ensino superior completo
☐ Ensino fundamental completo ☐ Pós-graduação incompleta
☐ Ensino médio incompleto ☐ Pós-graduação completa
☐ Ensino médio completo

Quantas pessoas compõem seu núcleo familiar? _____

Qual a renda familiar?

☐ Nenhuma renda ☐ De 3 a 5 salários mínimos
☐ Até 1 salário mínimo ☐ De 7 a 11 salários mínimos
☐ Até 2 salários mínimos ☐ Acima de 11 salários mínimos

Qual o sexo do seu filho (a)?

☐ Feminino ☐ Masculino

Qual a idade do seu filho (a)? _____

Qual o nível escolar do seu filho (a)?

☐ Educação Infantil ☐ Ensino Fundamental II
☐ Ensino Fundamental I ☐ Não matriculado

Qual o ano escolar do seu filho (a)? _____

Qual o tipo de escola?

☐ Ensino domiciliar ☐ Não matriculado e sem ensino domiciliar
☐ Particular
☐ Pública

Seu filho (a) está no ano escolar adequado à idade?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não matriculado

QUESTIONÁRIO USO DE TELAS NA INFÂNCIA

Quais dispositivos eletrônicos estão atualmente disponíveis em sua residência? (Assinale uma ou mais alternativas)

☐ Celular / Smartphones
☐ Computador / Notebook
☐ Televisão
☐ Tablet / Ipad
☐ Video Game
☐ Outros... _____

Quais destes dispositivos seu filho tem em posse para uso pessoal? (Assinale uma ou mais alternativas)

☐ Celular / Smartphone
☐ Computador / Notebook
☐ Televisão
☐ Tablet / Ipad
☐ Video Game
☐ Nenhum dispositivo
☐ Outros... _____

Com que idade seu filho (a) começou a utilizar aparelhos eletrônicos?

☐ Nunca usou aparelhos
☐ Menos de 1 ano
☐ 1 a 2 anos
☐ 2 a 3 anos
☐ 3 anos ou mais

Em quais locais seu filho (a) costuma utilizar dispositivos eletrônicos? (Assinale uma ou mais alternativas)

☐ Em casa
☐ Na casa de familiares
☐ Na casa do cuidador
☐ Na escola / creche
☐ Em ambientes de lazer (parque, praia, praça, etc)

Quanto tempo seu filho (a) passa diante das telas diariamente?

- () Nenhuma hora
 () Menos de 1 hora
 () Entre 1 e 2 horas
 () Entre 2 e 4 horas
 () 4 horas ou mais

Quais aparelhos seu filho (a) utiliza diariamente? (Assinale uma ou mais alternativas)

- () Celular / Smartphone
 () Computador / Notebook
 () Tablet / Ipad
 () Televisão
 () Vídeo game
 () Outros... _____

Qual o aparelho mais utilizado por seu filho (a)?

- () Celular / Smartphone
 () Computador / Notebook
 () Tablet / Ipad
 () Televisão
 () Vídeo game
 () Outros... _____

Quais destes conteúdos seu filho (a) acessa em aparelhos eletrônicos? (Assinale uma ou mais alternativas)

- () Desenhos infantis
 () Jogos online e offline
 () Livros e revistas
 () Músicas
 () Redes sociais
 () Séries e filmes
 () Outros... _____

Você participa junto com seu filho (a) nos momentos em que ele (a) está fazendo uso destes dispositivos?

- () Muito frequente
 () Frequentemente
 () Ocasionalmente
 () Raramente
 () Nunca

Você tem acesso aos conteúdos acessados por seu filho (a) nos dispositivos eletrônicos?

- () Muito frequente
 () Frequentemente
 () Ocasionalmente
 () Raramente
 () Nunca

Seu filho (a) apresenta reação negativa (choro, raiva, isolamento, etc) quando distanciado de dispositivos eletrônicos?

- () Muito frequente
 () Frequentemente
 () Ocasionalmente
 () Raramente
 () Nunca

Seu filho (a) prefere utilizar dispositivos eletrônicos do que socializar com outras pessoas?

- () Muito frequente
 () Frequentemente
 () Ocasionalmente
 () Raramente
 () Nunca

Seu filho (a) troca atividades cotidianas (comer, dormir, brincar, etc) para utilizar aparelhos eletrônicos?

- () Muito frequente
 () Frequentemente
 () Ocasionalmente
 () Raramente
 () Nunca

Seu filho (a) se interessa por atividades que não envolvam aparelhos eletrônicos?

- () Muito frequente
 () Frequentemente
 () Ocasionalmente
 () Raramente
 () Nunca

Seu filho (a) tem acessos de raiva devido à sua interferência sobre quanto tempo ele passa em dispositivos eletrônicos?

- () Muito frequente
 () Frequentemente
 () Ocasionalmente
 () Raramente
 () Nunca